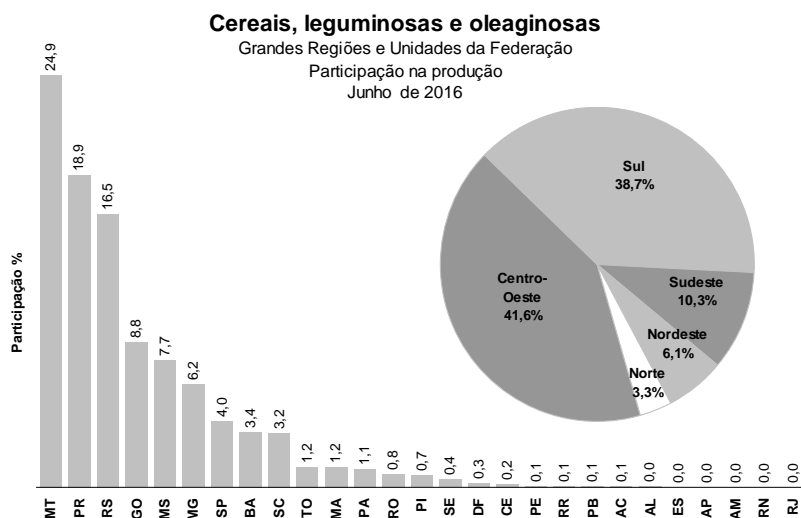


1 – Produção Agrícola 2016

1.1 - Cereais, leguminosas e oleaginosas

A sexta estimativa de 2016 para a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas¹ totalizou 191,8 milhões de toneladas², 8,4% inferior à obtida em 2015 (209,4 milhões de toneladas). Em termos absolutos são 17,6 milhões de toneladas a menos em relação à produção obtida na safra anterior. Na comparação com a avaliação de maio a queda é de 2,1%, sendo a estimativa de produção menor em 4,0 milhões de toneladas. A estimativa da área a ser colhida é de 57,5 milhões de hectares, menor 0,1% frente à área colhida em 2015 (57,6 milhões de hectares). Em comparação à informação de maio, variou negativamente 0,3%, com redução de expectativa da colheita de 146.847 hectares. O arroz, o milho e a soja são os três principais produtos deste grupo, que, somados, representaram 92,4% da estimativa da produção e responderam por 87,4% da área a ser colhida. Em relação ao ano anterior, houve acréscimo de 2,8% na área da soja e reduções de 1,2% na área do milho e de 9,4% na área de arroz. No que se refere à produção, as avaliações são negativas: de 0,6% para a soja, de 12,2% para o arroz e de 18,0% para o milho, quando comparadas a 2015.

Entre as Grandes Regiões, o volume da produção de cereais, leguminosas e oleaginosas apresentou a seguinte distribuição: Centro-Oeste, 79,9 milhões de toneladas; Sul, 74,2 milhões de toneladas; Sudeste, 19,7 milhões de toneladas; Nordeste, 11,7 milhões de toneladas e Norte, 6,3 milhões de toneladas. Comparativamente à safra passada, foi constatado incremento de 1,9% na Região Sudeste e decréscimos de 17,8% na Região Norte, de 29,2% na Região Nordeste, de 11,1% na Região Centro-Oeste e de 2,2% na Região Sul. Nessa avaliação para 2016, o Mato Grosso liderou como maior produtor nacional de grãos, com uma participação de 24,9%, seguido pelo Paraná (18,9%) e Rio Grande do Sul (16,5%), que, somados, representaram 60,3% do total nacional previsto.



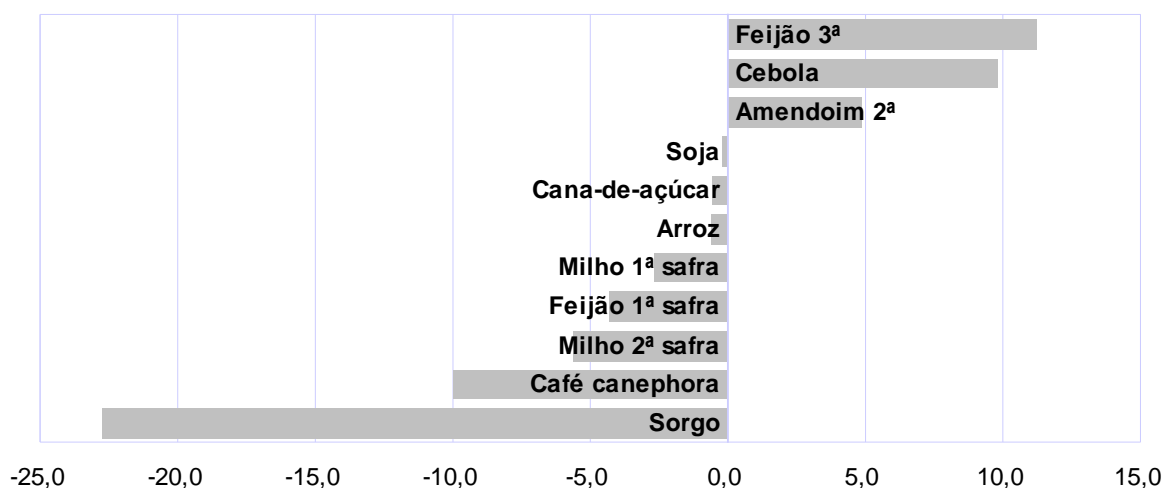
¹ Produtos: algodão herbáceo (caroço de algodão), amendoim (em casca), arroz (em casca), feijão (em grão), mamona (em baga), milho (em grão), soja (em grão), aveia (em grão), centeio (em grão), cevada (em grão), girassol (em grão), sorgo (em grão), trigo (em grão) e triticale (em grão).

² Em atenção a demandas dos usuários de informação de safra, os levantamentos de Cereais, leguminosas e oleaginosas foram realizados em estreita colaboração com a Companhia Nacional de Abastecimento - Conab, órgão do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, continuando um processo de harmonização das estimativas oficiais de safra, iniciado em outubro de 2007, das principais lavouras brasileiras.

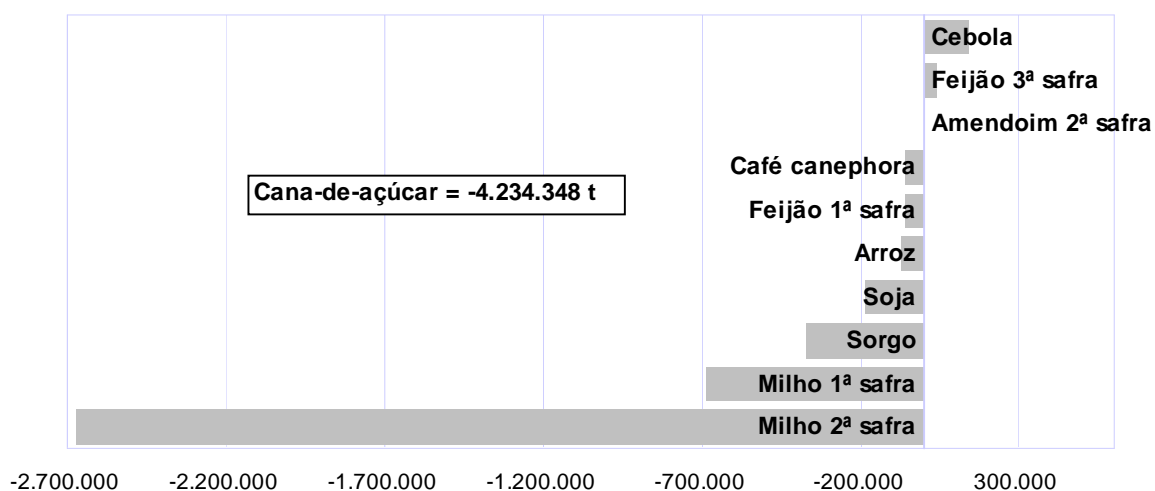
1.2 - Estimativa de junho em relação a maio

No Levantamento Sistemático da Produção Agrícola de junho destacaram-se as variações nas seguintes estimativas de produção, comparativamente ao mês de maio: feijão em grão 3ª safra (11,3%), cebola (9,8%), amendoim em casca 2ª safra (4,9%), soja em grão (-0,2%), cana-de-açúcar (-0,6%), arroz em casca (-0,6%), milho em grão 1ª safra (-2,6%), feijão em grão 1ª safra (-4,3%), milho em grão 2ª safra (-5,6%), café em grão canephora (-10,0%) e sorgo em grão (-22,7%).

Variação percentual da produção - comparação junho / maio 2016



Variação absoluta da produção (t) - comparação junho / maio 2016 - Brasil



AMENDOIM (em casca) - A estimativa da produção brasileira de amendoim em 2016 é de 420,3 mil toneladas, aumento de 0,5% frente a maio, com São Paulo participando com 91,8% desse total. Com produção predominantemente em primeira safra (94,7%), o produto frequentemente é relacionado às áreas de renovação de canaviais mais antigos.

O destaque do mês foi a estimativa da produção do **amendoim 2ª safra**, que apresentou aumento de 4,9% frente ao mês anterior. Ao todo, estão previstas 22,4 mil toneladas em 2016, com destaque para a produção de Alagoas, que deve crescer 100,3%, segundo o GCEA/AL.

ARROZ (em casca) - A estimativa de produção para a safra nacional foi de 10,8 milhões de toneladas, queda 0,6% em relação à avaliação de maio de 2016, menor 69.511 toneladas. As variáveis de área e de rendimento médio também caíram nesta comparação com o mês anterior. As principais Unidades da Federação responsáveis pela avaliação negativa em junho foram: Maranhão, Rondônia, Santa Catarina, Pará, Ceará, Alagoas e Mato Grosso do Sul.

Nas Regiões Norte e Nordeste decresceram a expectativa do rendimento médio, tendo como principal fator a estiagem, mas também houve decréscimo na avaliação da área plantada, notadamente, no Maranhão (-3.900 ha), no Pará (-1.189 ha), no Tocantins (-615 ha) e no Ceará (-468 ha).

Os dados da Região Sul foram influenciados pela atualização realizada pelo GCEA de Santa Catarina. Para o Estado o decréscimo de 0,5% na produção foi resultado da menor estimativa da área colhida (0,2%) e na redução do rendimento médio (0,3%), que passou dos 7.141 kg/ha na avaliação de maio, para 7.119 kg/ha em junho. Ao contrário das demais regiões produtoras, na Região Sul, a cultura do arroz sofreu com altas precipitações e baixa insolação.

CAFÉ (em grão) - A estimativa da produção de café em junho é de 2,9 milhões de toneladas, ou 48,8 milhões de sacas de 60 kg, queda de 1,6% em relação ao mês anterior, com o **café arábica** participando com 82,0% e o **canephora** (conillon) com 18,0%.

Com o início da colheita das lavouras do **café canephora** (conillon) no Espírito Santo, os produtores avaliam no campo os problemas decorrentes da estiagem que afeta as lavouras dos principais municípios produtores por dois anos consecutivos. As primeiras colheitas realizadas indicam a necessidade de um número maior de grãos de café para encher uma saca, sendo também menor a produção esperada. O estado é o maior produtor dessa espécie de café, com 60,1% da produção nacional e, em 2016, deve colher uma safra de 316,3 mil toneladas, queda de 16,0% frente ao mês anterior.

Segundo a Conab³, os preços da saca de 60 quilogramas do **café arábica** permaneceram na faixa dos R\$400,00 a R\$500,00 nas principais praças onde é comercializado, repercutindo os baixos estoques internos (Estoques), apesar da expectativa de uma boa safra.

CANA-DE-AÇÚCAR - A estimativa da produção de cana-de-açúcar foi de 726,7 milhões de toneladas, 0,6% inferior ao mês anterior. O Estado de Alagoas foi o principal responsável por este decréscimo com uma redução de 14,0% em sua estimativa. A lavoura foi prejudicada pela falta de chuvas no período de crescimento vegetativo e no início da moagem, além disso, a falta de recursos

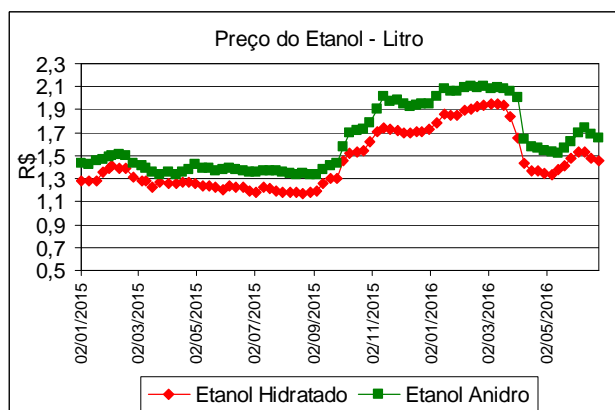
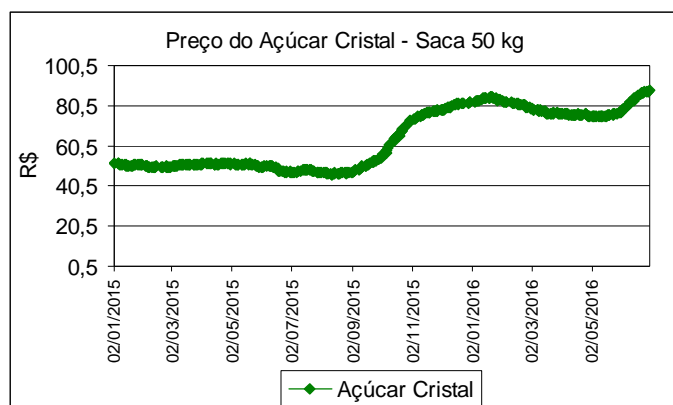
³ Fonte: Conab. 9º Levantamento – Safra 2015/16, tabela n 57, p.150.

http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16_06_09_16_49_15_boletim_graos_junho_2016_-_final.pdf

financeiros atingiu os fornecedores, que descapitalizados, não realizaram os tratos culturais de forma adequada, o que influenciou no rendimento médio que decresceu 7,0%. Outro estado tradicional que reduziu sua produção foi o Rio de Janeiro, com uma queda de 3,1%, reflexo da menor área plantada no Estado. Outros estados também fizeram pequenos ajustes na produção como o Paraná (-0,4%), Ceará (-1,6%), Pará (-0,1%), Acre (0,4%) e Espírito Santo (3,0%).

Este mês, o preço do açúcar cristal em São Paulo atingiu R\$88,13 a saca de 50 kg, o maior patamar nominal de toda a série histórica do Cepea⁴, iniciada em 2003. Em junho o crescimento foi de 13,7%. Embora o momento seja de safra no Centro-Sul, a oferta de açúcar cristal está reduzida no mercado interno, devido às chuvas no início deste mês, que atrapalharam a colheita. Segundo o Cepea, as usinas que dispõem de açúcar de maior qualidade estão priorizando contratos e entregas atrasadas, deixando pouco produto para comercialização no mercado. Além disso, as altas no mercado internacional, influenciadas por expectativas de déficit global, reforçaram o aumento no mercado paulista.

Como pode ser observado nos gráficos, os preços do etanol começaram a subir em outubro de 2015, época de encerramento da safra no Centro-Sul, permanecendo elevados até final de março, época em que as usinas iniciaram a safra 2016. Entretanto, fortes chuvas atrasaram a colheita entre o final de maio e início de junho, refletindo nos preços que voltaram a subir (Cepea). No final de junho os preços retraíram, devido ao aumento na oferta do produto com o avanço da colheita e melhoria das condições climáticas.



CEBOLA - A estimativa de produção nacional de cebola tem alta de 9,8% em relação ao mês anterior. Em junho, a expectativa de produção é de 1,6 milhão de toneladas, contra 1,4 milhão divulgada em maio.

A alta nacional decorre das informações advindas de Santa Catarina, maior produtor nacional. O GCEA/SC levantou a intenção de plantio, previsto para ser iniciado em julho pelos cebolicultores catarinenses. Espera-se que seja plantada uma área de 21.277 hectares e obtido um rendimento médio de 23.327 kg/ha. A produção estimada é de 496,3 mil toneladas, alta de 42,1% frente ao

⁴ Fonte: <http://cepea.esalq.usp.br/etanol/>

mês de maio.

Com o início da colheita, o GCEA/MG estima para Minas Gerais uma produção de 182,1 mil toneladas, redução de 4,1% em relação a maio. A queda na expectativa do rendimento médio é de 3,4%, sendo a principal responsável pela baixa na produção.

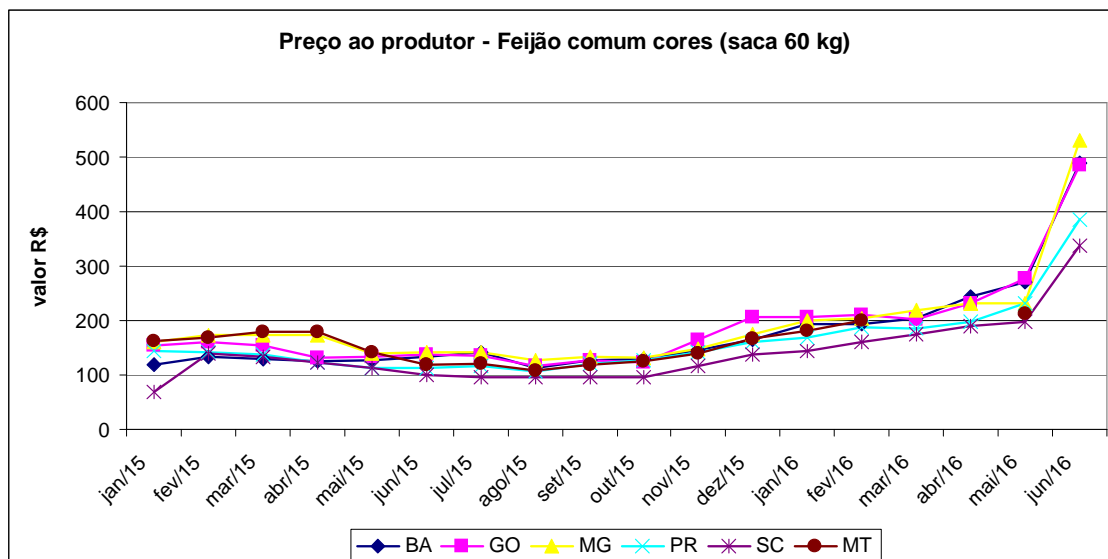
FEIJÃO (em grão) - O total da produção nacional de feijão apresenta uma redução de apenas 1,0% este mês. Porém, no ano, chega a 6,6%, conforme pode ser observado na tabela abaixo. A quebra na produção de feijão foi reflexo das condições climáticas desfavoráveis, o que provocou aumento dos preços, principalmente do feijão da variedade carioca.

	Produção de feijão em toneladas				
	Ano de 2015	Mai 2016	Junho 2016	Var. anual %	Var. mensal %
Feijão Total	3 120 690	2 942 866	2 913 777	(-6,6)	(-1,0)
Feijão 1ª safra	1 384 283	1 353 736	1 295 262	(-6,4)	(-4,3)
Feijão 2ª safra	1 293 086	1 199 300	1 184 785	(-8,4)	(-1,2)
Feijão 3ª safra	443 321	389 830	433 730	(-2,2)	11,3

O **feijão 1ª safra** apresentou queda de 4,3% em junho, em decorrência da avaliação do GCEA/CE, que reduziu sua estimativa de produção em 47,3% em função da seca que atinge o estado. O **feijão 2ª safra** também foi reavaliado no estado com uma redução de 5,5%. Outros estados também apresentaram queda na produção, como Maranhão (-2,2%), Alagoas (-7,9%) Espírito Santo (-48,5%), Rio de Janeiro (-5,6%), Mato Grosso do Sul (-11,1%) e Distrito Federal (-41,8%).

Os preços, que já apresentavam um comportamento ascendente desde o início do ano, em junho sofreram forte aumento, chegando a mais de R\$500,00 a saca de 60 kg em Minas Gerais (Gráfico abaixo). Na tentativa de reduzir os preços, o governo federal eliminou a tarifa de importação por 90 dias, facilitando a entrada de feijão de alguns países fora do Mercosul como a China. Segundo a Secex⁵, em 2015, foram importadas 156.731 toneladas. Como não existe tarifa entre os países do Mercosul, cerca de 82,5% do feijão veio da Argentina. Até maio deste ano, já tinham sido importadas 69.564 toneladas, um aumento de 55,6% quando comparado com o mesmo período do ano anterior.

⁵ Fonte: SECEX. - <http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br/>



Em função do aumento do preço, a expectativa é de expansão das áreas cultivadas com o **feijão 3ª safra**. Este mês, a estimativa da área plantada cresceu 10,9% e a produção esperada 11,3%, com reavaliações em Minas Gerais (23,4%) e Goiás (7,1%), os principais estados produtores deste período de plantio. Porém, a produção ainda está 2,2% abaixo da produção do ano anterior, o que deve ser reavaliado com o início do plantio que começa agora em julho. É importante ressaltar que esta safra é praticamente cultivada com irrigação e bom aporte tecnológico, o que garante altas produtividades.

MILHO (em grão) - As condições climáticas que prejudicaram a 1ª safra de milho persistiram durante a 2ª safra e trouxeram consequências negativas para a produção total. Foram estimadas 70,1 milhões de toneladas de milho. Esta produção é 4,6% menor que a avaliada em maio. A queda na estimativa do rendimento médio foi o principal fator responsável por essa redução, pois são esperados agora 4.575 kg/ha, contra 4.755 kg/ha avaliados no levantamento anterior, queda de 3,8%.

A **1ª safra de milho** registrou nova redução da produção. Espera-se 25,2 milhões de toneladas, decréscimo de 2,6% em comparação com maio. A área colhida também foi reduzida em 0,9% e estimada em 5,3 milhões de hectares. O rendimento médio passou de 4.885 kg/ha para 4.798 kg/ha na avaliação de junho, sendo menor 1,8% na comparação com maio.

As Unidades da Federação que mais influenciaram a redução da expectativa de produção nesta avaliação de junho quando comparadas a maio foram: Ceará que reduziu em 300.431 toneladas, Maranhão (-204.772 t), Distrito Federal (-90.307 t), Santa Catarina (-74.000 t) e Pará (-20.066 t). Na Região Nordeste, a estiagem foi a principal causa da redução do rendimento médio. O excesso de chuvas declinou o rendimento médio de Santa Catarina. As demais Unidades da Federação foram mais influenciadas pela reavaliação da área plantada.

A estimativa da produção de **milho 2ª safra** foi reduzida em 5,6%, avaliada em 44,9 milhões de toneladas. As longas estiagens enfrentadas por todo o território nacional, notadamente nas áreas de produção dos Cerrados brasileiros, continuaram a ser reavaliadas na presente informação. O rendimento médio foi estimado em 4.458 kg/ha, valor 4,9% menor que o estimado no mês de maio.

Na comparação com maio, os GCEAs alteraram negativamente a estimativa de produção em: MS (11,8%), PR (6,6%), GO (9,0%), MA (59,2%), TO (47,1%), DF (57,2%), MG (2,0%), PA (9,5%) e ES (63,2%). A variação absoluta foi de redução da expectativa de produção em 2,7 milhões de toneladas.

No Mato Grosso do Sul, o milho 2ª safra se encontra em fases que vão desde o desenvolvimento vegetativo até o início de colheita, predominando as fases de “granação” e de “maturação” dos grãos. O acréscimo da área plantada está relacionado às reavaliações dos dados no presente trabalho, isto em diversos municípios produtores. O acréscimo de área poderia ter sido maior, porém, a estiagem ocorrida no mês de março prejudicou o plantio de novas áreas.

O GCEA/MS registrou até junho uma perda total de área de 6.120 ha e essas perdas ocorreram mais nos plantios realizados no mês de fevereiro em função do excesso de chuvas. O rendimento médio previsto já registra uma quebra expressiva em relação à estimativa anterior, da ordem de 12,5%, em função da estiagem ocorrida na época de desenvolvimento vegetativo a floração e, posteriormente, das geadas ocorridas em junho.

No decorrer do mês de junho, prosseguiram os trabalhos de colheita do milho 2ª safra no Paraná, totalizando até o final do período 15% concluída. O milho colhido neste início de safra, de um modo geral, apresenta boa qualidade, porém com elevado teor de umidade.

As lavouras em andamento atravessam, principalmente, os estágios de frutificação (25%) e maturação (75%). A colheita em maior escala deverá ocorrer no decorrer dos meses de julho e agosto, devendo se estender até o início do mês de setembro. A perspectiva de produção de milho da 2ª safra de 2016, em função das adversidades climáticas, no início excesso de chuvas, nos meses de março e abril estiagem e altas temperaturas, e nos meses de maio e junho baixas temperaturas e geadas, passa a ser de 11,4 milhões de toneladas, o que representa uma quebra de 12,0% em relação ao prognóstico inicial do GCEA/PR.

SOJA (em grão) - Com a colheita da leguminosa praticamente encerrada, a estimativa da produção de soja do país em junho é de 96,6 milhões de toneladas, queda de 0,3% frente ao mês anterior. A maior variação do mês, ficou com o Paraná, que, inclusive, informou a estimativa da produção da safrinha, 317.903 toneladas, abaixo da dimensionada anteriormente. Segundo o GCEA/PR, somada à safrinha, a produção do estado em 2016 alcança 17,0 milhões de toneladas, queda de 0,8% frente ao mês anterior.

O GCEA/DF também aumentou em 89,8% a área plantada de soja em junho, informando também aumento de 82,9% na estimativa da produção frente ao mês anterior. Ao todo, devem ser colhidas 208,6 mil toneladas de grãos na presente safra.

Os preços da leguminosa continuam firmes em todo o país, entre R\$70,00 a R\$80,00 a saca de 60 kg, nas diferentes praças de comercialização, segundo a Conab, em decorrência da menor oferta de grãos nos mercados compradores e pela forte demanda por exportação, que até maio desse ano registrou aumento de 37,3% em volume, em relação ao mesmo período de 2015 (Secex).

Embora em 2015, o país tenha produzido uma safra recorde da leguminosa, os estoques existentes, em 31 de dezembro de 2015, aumentaram apenas 2,6% frente ao mesmo período do ano anterior (Pesquisa de Estoques), indicando a grande demanda que o mercado tem pelo produto, tanto para exportação como para consumo interno.

SORGO (em grão) - A produção de sorgo está estimada este mês em 1,3 milhão de toneladas, redução de 22,7% em comparação com o mês anterior. A redução de 17,3% na estimativa do rendimento médio foi a principal responsável pela queda da produção. Espera-se que o rendimento médio seja de 2.351 kg/ha.

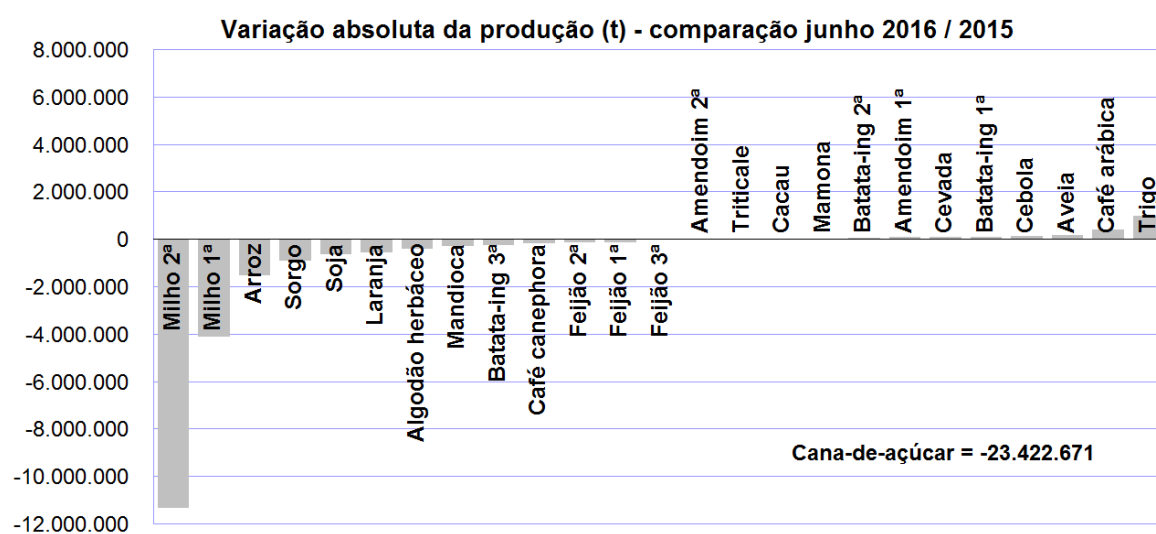
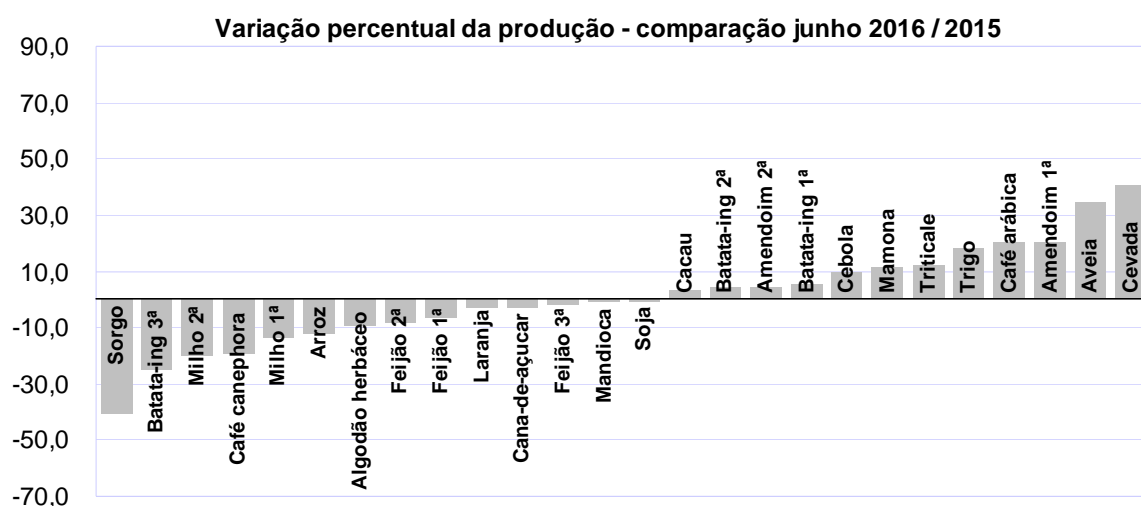
Goiás e Minas Gerais são os dois maiores produtores de sorgo do país. Juntos detêm 62,6% da estimativa de produção nacional.

Com a seca que assolou o Centro-Oeste do país, o GCEA/GO estima que o rendimento médio e a área colhida do sorgo goiano caíram, respectivamente, 33,9% e 20,6%, em comparação com o mês anterior. Por consequência, espera-se que a produção tenha queda de 47,5%, totalizando 396,9 mil toneladas.

O GCEA/MG divulgou dados mais estabilizados para Minas Gerais, com relação ao mês anterior: produção estimada de 391,7 mil toneladas, 1,3% superior à obtida em maio.

1.3 - Estimativa de junho em relação à produção obtida em 2015

Dentre os vinte e seis principais produtos, doze apresentaram variação percentual positiva na estimativa de produção em relação ao ano anterior: amendoim em casca 1ª safra (20,6%), amendoim em casca 2ª safra (4,3%), aveia em grão (34,4%), batata-inglesa 1ª safra (5,0%), batata-inglesa 2ª safra (4,1%), cacau em amêndoa (3,3%), café em grão-arábica (20,3%), cebola (9,9%), cevada em grão (40,7%), mamona em baga (11,4%), trigo em grão (18,4%) e triticale em grão (11,8%). Com variação negativa foram quatorze produtos: algodão herbáceo em caroço (9,6%), arroz em casca (12,2%), batata-inglesa 3ª safra (25,1%), café em grão-canephora (19,6%), cana-de-açúcar (3,1%), feijão em grão 1ª safra (6,4%), feijão em grão 2ª safra (8,4%), feijão em grão 3ª safra (2,2%), laranja (3,2%), mandioca (1,1%), milho em grão 1ª safra (14,0%), milho em grão 2ª safra (20,1%), soja em grão (0,6%) e sorgo em grão (40,7%).



AMENDOIM (em casca) 2ª safra - A estimativa da produção de amendoim em 2016 apresenta aumento de 19,6%, com a área plantada crescendo 10,9% e o rendimento médio 7,8%. Produto frequentemente relacionado à renovação de canaviais mais antigos, o amendoim possibilita incorporar nitrogênio ao solo através da fixação biológica de nitrogênio. A recuperação do segmento sucro-alcooleiro, pode aumentar a área da cultura.

ARROZ (em casca) - A produção nacional foi estimada em 10,8 milhões de toneladas, menor 12,2% quando comparada com a de 2015. Na comparação com a safra pregressa também houve reduções de 8,6% da área plantada, 9,4% da área colhida e 3,1% do rendimento médio. Fenômenos climáticos e fenológicos influenciaram a principal região produtora de arroz, a Região Sul. Excessos de chuvas prejudicaram os plantios, atrasando o ciclo e/ou necessitando de novo plantio. As ocorrências de muita nebulosidade reduziram a taxa de fotossíntese da cultura e, conseqüentemente, prejudicaram a produção de biomassa. Ao contrário da Região Sul, as demais regiões produtoras sofreram com a estiagem. O impacto do clima não é apenas sobre o crescimento e desenvolvimento da cultura, mas também nas atividades de manejo, na incidência de pragas e doenças e na qualidade dos produtos agrícolas.

O Rio Grande do Sul é a principal Unidade da Federação produtora de arroz; participa com 72,3% da produção nacional, seguido por Santa Catarina (9,7%) e Mato Grosso (5,0%). A produção nacional não atende ao consumo interno, que segundo a Conab está em 11,5 milhões de toneladas. Em 31 de dezembro de 2015, os estoques estavam 9,5% inferiores na comparação ao da mesma data de referência em 2014 (Estoques⁶). Mesmo com as reduções dos estoques internos, as exportações tiveram acréscimos de 25,8% na comparação de maio de 2015 com maio de 2016 (Secex).

A inflação de maio de 2015 para o arroz é de 0,54%, no acumulado de 12 meses chega a 13,05%, segundo Índices de Preços ao Consumidor (IPCA⁷). A comercialização do arroz no Mato Grosso do Sul, segundo o GCEA/MS, vem sendo realizada ao preço médio pago ao produtor variando com maior frequência de R\$45,00, a R\$51,00, a saca de 60 kg, dependendo da região produtora.

CAFÉ (em grão) - Após dois anos seguidos de safras baixas, em decorrência de problemas climáticas em Minas Gerais e São Paulo, o aumento de 20,3% na estimativa da produção do **café arábica** em 2016, reflete a recuperação da produção do país, que deve alcançar 2,9 milhões de toneladas ou 48,8 milhões de sacas de 60 kg, aumento de 10,5% frente ao ano anterior.

Para o **café canephora**, a estimativa da produção é de queda de 19,6%, em decorrência de prolongada estiagem que acomete o Espírito Santo, maior produtor brasileiro desse tipo de café. O

⁶ Fonte: IBGE. ESTOQUES. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/estoque/>

⁷ Fonte: IBGE. IPCA. <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/precos/default.asp>

GCEA/ES informou que a estimativa da safra 2016 alcança 316.306 toneladas, uma redução de 29,7% frente a 2015 e de 47,0% frente a 2014. Repetidas quedas nas estimativas da produção do café canephora vêm repercutindo nos preços, que permanecem elevados, na faixa dos R\$350,00 a R\$400,00 a saca de 60 kg, segundo a Conab.

CANA-DE-AÇÚCAR - No ano, a produção de cana-de-açúcar deve atingir 726,7 milhões de toneladas, o que corresponde a uma redução de 3,1% em relação a 2015. A falta de chuvas na Região Nordeste provocou uma queda de 4,0% nas estimativas. O GCEA/SP informou uma redução de 6,2% na estimativa de produção, o que ainda pode ser revisto nas próximas divulgações, pois o início da colheita, proporciona uma estimativa de melhor qualidade, além disso, as chuvas acima da média no estado têm propiciado um bom desenvolvimento dos canaviais.

CEBOLA - A estimativa de produção nacional de cebola mostra recuperação após um 2015 com safra prejudicada nos principais estados produtores. Estima-se que seja obtida uma produção de 1,5 milhão de toneladas em 2016, 9,9% a mais que no ano anterior. Esta recuperação é resultado do aumento de 9,9% na expectativa de rendimento médio. A estimativa de área plantada decresceu 1,5% e está estimada em 56.812 hectares.

Espera-se que mais de 99% de toda área plantada sejam colhidas neste ano. As condições climatológicas mais favoráveis que em 2015 estão permitindo que as regiões que estão em colheita na Bahia possam completar o processo com êxito. Já para as regiões que entrarão em plantio a partir de julho, a boa notícia é o fim do *El Niño*, fenômeno climático que trouxe chuvas acima da média, prejudicando, assim, as lavouras. A expectativa agora é com relação à possibilidade de desenvolvimento da *La niña*.

Apesar das chuvas no início do ano terem atrasado o plantio de cebola na Bahia, os cebolicultores estão animados, pois, deparam-se no momento da colheita com altos preços e bons rendimentos. O GCEA/BA tem registrado alta de 22,4% na produção de cebola da Bahia, em comparação com o ano anterior. Espera-se que sejam colhidas 320,3 mil toneladas. A estimativa de rendimento médio é de 34.413 kg/ha, maior 18,2% em comparação com o ano anterior.

As regiões Centro-Oeste e Sul intensificam o plantio a partir deste mês. O GCEA/SC estima que sejam plantados 21.277 hectares em Santa Catarina, com rendimento médio de 23.327 kg/ha. A produção estimada é de 496,3 mil toneladas, alta de 46,2% frente ao ano de 2015.

O GCEA/MG estima produção de 182,1 mil toneladas em Minas Gerais, queda de 6,9% quando comparado com o ano anterior. O rendimento médio estimado é de 56.123 kg/ha, 4,6% menor que em 2015.

A expectativa de recuperação da produção nacional pode impactar diretamente nos dados de importação da cebola. Segundo dados da Secex, no período de janeiro a março de 2015 foi registrada a importação de 236,3 mil toneladas de cebola. Porém, devido à menor safra de cebola brasileira no segundo semestre de 2015, foi registrado este ano, no mesmo período, a importação de 252,3 mil toneladas de cebola, alta de 6,7%. Entretanto, com o início da colheita baiana e o início dos plantios nas demais regiões, a tendência é de redução das importações ao longo dos próximos meses.

A baixa produção de cebola do ano anterior também teve reflexos sobre o IPCA deste ano. De janeiro a maio foi registrado alta de 31,29% para este item da cesta básica.

FEIJÃO (em grão) - A produção de 2,9 milhões de toneladas apresenta uma queda de 6,6%, o que representa 206.913 toneladas a menos em relação a 2015. Provavelmente esta produção não será suficiente para atender à demanda interna, e já refletiu no aumento dos preços. Em alguns estados, a população acostumada a consumir o feijão carioca, passou a utilizar o feijão preto que apesar de ter aumentado de preço, ainda encontra-se com o preço mais em conta que a variedade carioca, a mais consumida no País.

A Região Sul é a maior produtora de feijão do país e foi a mais atingida, com uma quebra acima de 175.000 toneladas (17,7%), somente o Paraná perdeu 150.000 toneladas (20,4%): inicialmente, excesso de chuvas, por ocasião do plantio, principalmente na região norte do Estado; em seguida, estiagem e altas temperaturas nos meses de março e, principalmente abril e, para finalizar, em maio e junho ocorreram baixas temperaturas, dias nublados com pouca luminosidade, alta umidade e geadas em algumas regiões do estado.

MILHO (em grão) - A safra 2016 de milho está estimada em 70,1 milhões de toneladas, redução de 18,0% em comparação com o ano anterior. Esta redução foi consequência das intempéries climáticas que prejudicaram tanto a produção em primeira, quanto em segunda safra, trazendo como resultado, uma redução de 17,0% no rendimento médio nacional. A primeira safra de milho em grão participa com 35,9% da produção nacional e, é considerada assim, por ser colhida no primeiro semestre do ano civil de referência, no caso 2016. A segunda safra de milho participa com 64,1% da produção total em 2016 e, desde 2012, o volume da produção do milho colhido em segunda safra supera ao de primeira safra (PAM⁸). O milho em grão é considerado como segunda safra quando colhido após a safra de verão ou quando sua colheita se concentra no segundo semestre do ano civil de referência.

⁸ Fonte: IBGE - PAM. <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=839&z=a&i=P&disp=3&ver=1>

Para as Unidades da Federação com janela de plantio ampla, que possibilitem duas colheitas dentro do ano civil, vêm apresentando esta tendência, de redução do plantio do milho 1ª safra e acréscimo do plantio do 2ª safra, principalmente pela concorrência que o milho primeira safra enfrenta com a cultura da soja.

As principais Unidades da Federação produtoras de milho em grão são: MT com participação nacional de 26,0%, PR (21,1%), MS (10,1%), MG (8,5%), GO (8,0%), RS (6,8%), SP (5,9%), SC (3,9%), BA (3,1%), SE (1,1%), MA (1,0%) e PI (1,0%).

A **1ª safra de milho** está estimada em 25,2 milhões de toneladas, 14,0% menor que a safra de 2015. A dificuldade em se definir a época ideal, devido ao atraso das chuvas e a concorrência com a soja, fez com que a área plantada fosse estimada em 5,4 milhões de hectares, 10,8% menor que a área plantada do ano anterior. O rendimento médio caiu 5,5%, sendo estimado em 4.798 kg/ha.

Minas Gerais é o principal produtor de milho 1ª safra, com estimativa de 5,0 milhões de toneladas. Essa produção é 7,2% menor que a registrada na safra de 2015. Apesar do acréscimo de 9,0% no rendimento médio, a estimativa de produção sofreu redução em consequência da queda de 17,9% na área plantada e de 14,8% na área colhida.

O GCEA/RS informou uma estimativa de produção de 4,7 milhões de toneladas para o Rio Grande do Sul, redução de 15,8% em comparação com o ano de 2015. A redução de 14,4% na área plantada e de 14,6% na área colhida foram os principais responsáveis pelo decréscimo da produção gaúcha.

O GCEA/PR estimou uma produção de 3,4 milhões de toneladas para o Paraná, 25,9% menor que no ano anterior. A área colhida foi de 423,7 mil hectares, 22,5% menor quando comparado com 2015.

A **2ª safra de milho** foi fortemente influenciada pelas longas estiagens enfrentadas por diversas Unidades da Federação. A estimativa da produção para a presente safra foi de 44,9 milhões de toneladas, o que representa redução de 20,1% quando comparado com o ano anterior. A redução de 22,8% do rendimento médio, que passou a ser de 4.458 kg/ha, foi o grande responsável pela queda da produção nacional.

Com exceção de quatro estados do Nordeste – Piauí, Pernambuco, Alagoas e Sergipe – Acre, Rio de Janeiro e do Paraná, todos os demais estados informaram estimativa de produção de milho segunda safra menor que em 2015. Contudo, os três estados que mais influenciaram na redução da estimativa da produção do milho 2ª safra foram: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Apesar do acréscimo de 9,1% na área plantada, o GCEA/MT estimou que a produção do Mato Grosso alcance 18,0 milhões de toneladas, 15,5% menor quando comparado com 2015. A falta de chuvas, por longo período durante o ciclo, derrubou o rendimento médio em 20,0%, passando a ser

de 4.845 kg/ha.

O GCEA/MS informou uma estimativa de produção de 7,0 milhões de toneladas para o Mato Grosso do Sul, 26,9% menor quando comparado com o ano anterior. A redução de 27,0% no rendimento médio foi o principal responsável. A 2ª safra de 2015 registrou a melhor média do rendimento da série histórica de Mato Grosso do Sul, contudo, para esta safra, as perspectivas são de quebra bem expressiva. O preço médio pago aos produtores no início de colheita estava com grande variação, indo desde R\$36,00 a R\$45,00, a saca de 60 kg.

Apesar de um aumento de 17,8% na área plantada, o GCEA/GO informou uma estimativa de produção de 3,8 milhões de toneladas para Goiás, queda de 51,2% em relação ao ano anterior. O rendimento médio foi reduzido em 48,5%, para 3.564 kg/ha.

O GCEA/PR informou uma estimativa de produção de 11,4 milhões de toneladas para o Paraná, 2,1% superior ao ano anterior. Contudo, o acréscimo da produção se deve exclusivamente ao aumento da área plantada e da área a ser colhida, que são maiores 15,9% em relação ao ano anterior. O rendimento médio foi reduzido para 5.205 kg/ha, queda de 11,9% em decorrência das adversidades do clima. Os preços do milho no mês de junho oscilaram com maior frequência entre R\$34,00/40,00 a saca de 60 quilos.

O milho apresentou o maior volume de estoques em 31/12/2015, quando comparado aos demais grãos, mas na comparação com o estoque de milho na mesma data de referência de 2014, o volume apresentado é 9,5% menor (Estoques), apesar da safra recorde obtida em 2015 (85.509.185 t). Mesmo com as reduções dos estoques internos, as exportações não pararam e tiveram acréscimos de 135,2% na comparação de maio de 2015 com maio de 2016 (Secex).

SOJA (em grão) - Embora a área plantada de soja tenha aumentado 3,1% frente a 2015, a estimativa da produção da leguminosa em 2016 é de 96,6 milhões de toneladas, queda de 0,6%. O rendimento médio, que, em nível nacional, vinha aumentando ano a ano, em função, principalmente, do avanço tecnológico, caiu 3,4%.

As maiores quedas de produção foram verificadas em Mato Grosso e estados que compõem o "MATOPIBA", Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, em decorrência da falta de chuvas em final do ciclo das lavouras. No Mato Grosso, os maiores prejuízos foram nas lavouras de soja que utilizaram variedades tardias, enquanto que no "MATOPIBA", onde o plantio é realizado tardiamente em relação ao Centro-Oeste, as lavouras foram mais prejudicadas.

As perdas em relação a 2015 chegaram a 37,4% no Maranhão, 63,7% no Piauí, 30,3% na Bahia e 27,1% no Tocantins. Em Mato Grosso, o GCEA/MT informou perda de 2,3%.

SORGO (em grão) - A seca que atingiu a segunda safra de grãos brasileira fez com que a produção de sorgo fosse altamente prejudicada. Estima-se que o rendimento médio nacional decresça 19,2% em comparação com 2015, totalizando 2.351 kg/ha. Aliado a este fator, temos as reduções de 20,3% na área plantada e de 26,5% na área colhida. Para este ano, a estimativa de produção é de 1,3 milhão de toneladas, queda de 40,7% em comparação com o ano anterior.

Goiás e Minas Gerais são os dois maiores produtores de sorgo do país. Juntos detêm 62,6% da estimativa de produção nacional.

O GCEA/GO estima que a produção de sorgo goiano tenha sofrido uma retração de 55,8% na produção, quando comparado ao ano anterior. Espera-se que sejam colhidas 396,9 mil toneladas. A queda na estimativa de rendimento médio e na área colhida é de 40,0% e 26,3%, respectivamente.

O GCEA/MG informa queda de 24,8% na produção mineira de sorgo frente ao ano anterior. Estima-se produção de 391,7 mil toneladas. A queda na estimativa de rendimento médio e na área colhida é de 16,3% e 10,2%, respectivamente.

Atualizado em 07/07/2016 às 09:00h